

## Seguro de vida e a cobertura para invalidez

### Consultório financeiro



**M**eu tio ficou inválido, decorrente de uma doença, e não pode mais trabalhar. A seguradora informou que ele não tem direito a receber nenhum tipo de indenização. Ele tinha seguro de vida. O seguro não deveria cobrir tudo?

**Eduardo da Cunha Almeida, CFP, responde:**

Prezado leitor, a escolha por um seguro de vida que atenda às nossas necessidades nem sempre é tarefa fácil, pois num plano de seguro de vida pode haver inúmeras coberturas. Estas precisam ser muito bem colocadas quando da explanação do Plano de Seguro de Vida para não gerar situações desagradáveis como a frustração da utilização de uma cobertura que não foi incluída pelo plano escolhido. O processo de indenização do seguro de vida abrange três fases:

**1ª** – Apuração dos danos: nesta etapa inicial, mediante a apresentação do aviso de sinistro preenchido pelo segurado ou por seus beneficiários, a seguradora terá ciência da ocorrência do fato e também dos danos sofridos.

**2ª** – Regulação: uma vez apurados todos os danos é nesta segunda etapa que a seguradora irá avaliar se as coberturas contratadas na apólice cobrem os riscos sofridos.

**3ª** – Indenização: nesta última etapa, após análise minuciosa da equipe técnica da seguradora, será pago ao beneficiário ou a seus dependentes o capital segurado ou a pensão devida.

No caso em especial de seu tio que foi acometido por uma doença e declarado como inválido para desenvolver suas funções laborativas, há uma confusão que fazemos em relação a esfera pública e privada. A aposentadoria por invalidez concebida por instituições oficiais de Previdência Social não caracteriza, por si só, quadro clínico incapacitante que

comprove a invalidez funcional permanente e total por doença na esfera dos seguros privados. Uma vez que seu tio já esteja declarado aposentado pelo INSS, não necessariamente o seu plano de seguro de vida deva contemplar o mesmo benefício a não ser que ele tenha contratado a Cobertura de Invalidez Funcional Permanente Total por Doença.

Frequentemente, quando o segurado assina a proposta de seguro de vida na qual devem constar o Capital Segurado, as Coberturas e os Prazos de Carência, ele não se atenta aos riscos excluídos nem tampouco a ler as Condições Gerais do Plano por ele escolhido. Num primeiro momento, parece-lhe bastante reconfortante o fato de acabar de adquirir uma tranquilidade para si e uma proteção aos seus beneficiários. Mas é exatamente no momento em que o seguro deveria ser o “porto seguro” é que começam os infortúnios.

Dentre as coberturas disponíveis que contemplam o próprio segurado além da Invalidez por Doença já citada, há também a Invalidez por Acidente e a Diária de Incapacidade Temporária, sendo que nesta última o segurado terá a garantia de uma renda diária até a volta às suas funções laborativas. É claro que a contratação dessas coberturas implica um adicional ao prêmio pago, mas muitas vezes não são apresentadas ao cliente e estes acabam nem tendo noção de que elas existam. A escolha de um Plano de Seguro de Vida vai além de um breve relato do Capital Segurado que você gostaria de deixar para sua família. Procure um profissional competente que, além de conhecedor dos produtos do mercado, possa identificar corretamente o seu perfil e suas necessidades. Lembre-se: “Seguro de Vida além de proteção é um ato de amor!”

**Eduardo da Cunha Almeida** é corretor de seguros e planejador financeiro pessoal, com a Certificação CFP (Certified Financial Planner) concedida pelo Instituto Brasileiro de Certificação de Profissionais Financeiros (IBCPF). Email: eduardo@dpcamperadvisory.com

As respostas refletem as opiniões do autor, e não do jornal Valor Econômico ou do IBCPF. O jornal e o IBCPF não se responsabilizam pelas informações acima ou por prejuízos de qualquer natureza em decorrência do uso destas informações. Perguntas devem ser encaminhadas para: [consultoriofinanceiro@ibcpf.org.br](mailto:consultoriofinanceiro@ibcpf.org.br)

### CAPA

# Ibovespa se destaca na cena externa em série de 23 anos

Ao ser comparado com mercados acionários dos EUA e México, índice brasileiro apresentou maior volatilidade e maior retorno. Por **Beatriz Cutait**, de São Paulo

## Brasil na cena externa

Evolução das bolsas entre 19/03/1990 e 13/09/2013

	Retorno médio diário anualizado*	Volatilidade diária anualizada	Volatilidade/Retorno	Ganho período*
Ibovespa	22,70%	45,20%	2	1.676%
Dow Jones (EUA)	8,50%	18,40%	2,2	458%
S&P 500 (EUA)	8,40%	18,50%	2,2	391%
IPC (México)	16,70%	29,40%	1,8	1.596%

Fonte: Estudo elaborado por Alexandre Espírito Santo. \*Em dólar

do S&P 500, e de 1,8 do IPC mexicano. Espírito Santo ressalta que, com base nesses dados, o principal índice da bolsa brasileira oferece expectativa de retorno superior à dos mercados americanos, ainda que com maior volatilidade.

Para um investidor de longo prazo, que monta uma carteira pensando em investir, não em especular, é indiferente aplicar no Brasil ou no exterior, diz o professor. Mas ainda que a série histórica do período democrático dê vantagem ao Brasil, a trajetória da bolsa no governo atual tem sido, sim, fonte de preocupação.

“Apesar de a volatilidade ter caído muito, os investidores estrangeiros e locais estão com muita desconfiança desse governo, sobretudo em relação ao Banco Central, que se mostra mais reticente com relação às metas inflacionárias”, avalia Espírito Santo. Mas não

são apenas as questões domésticas que estão norteando o mercado, dado que a própria recuperação da economia americana e a esperada redução dos estímulos pelo Fed, o banco central dos EUA, têm orientado os investidores.

Há uma série de fatores atrapalhando a relação risco/retorno no governo Dilma, diz o economista. Mas, se o Brasil fizer a “lição de casa” direito, as perspectivas são positivas. “Como a volatilidade caiu bastante, na hora que o mercado aprumar, os investidores vão perceber que botar dinheiro na bolsa não é tão mais ariscado quanto era num passado recente. Vamos nos acostumar a ser investidores como lá fora, olhando carteiras de investimentos para 20 anos, pensando na aposentadoria”, afirma Espírito Santo, para quem o mercado brasileiro caminha para um amadurecimento saudável.

recimento saudável.

Já Bernardo Dantas, sócio da Edge Investimentos, avalia que a percepção de risco do investidor aumentou no Brasil em meio à atual situação econômica, especialmente com o maior nível de inflação.

Alexandre Martins, sócio-gerente da Edge, assinala ainda que o quadro se agrava diante da falta de referência do investidor em relação ao patamar de juros no exterior. “O excesso de dinheiro tirou um pouco o chão do mercado sobre qual é o custo de capital, então talvez a sensação de risco esteja até maior”, diz.

O diretor-executivo do UBS Wealth Management, Francisco Levy, afirma que o mundo tem hoje maior liquidez e menos volatilidade. Mas diz que o processo de normalização da taxa de juros nos Estados Unidos tende a mexer com os mercados na próxima década.

## ESTRATÉGIA



**Jim McCaughan, presidente da Principal:** “Fica claro que a geração de liquidez pelos Estados Unidos era o maior suporte para as ações e moedas dos emergentes”

# Principal vê volatilidade nos mercados emergentes e oportunidade nos EUA

**Luciana Seabra**  
De São Paulo

Os mercados emergentes vão estar muito voláteis no curto prazo e é hora de buscar oportunidades em ativos americanos. Foi essa a mensagem ao investidor brasileiro de Jim McCaughan, presidente da gestora americana Principal Global Investors, em passagem pelo país. O grupo financeiro Principal, com US\$ 450 bilhões sob gestão, comprou em abril do ano passado 60% da gestora brasileira Claritas, que administra R\$ 3,7 bilhões. O grupo tem também 25,1% do capital total da empresa de previdência Brasilprev.

“Penso que os mercados emergentes vão estar bastante voláteis e perigosos no curto prazo”, afirmou McCaughan ao **Valor**. A razão para tal conclusão, diz, é a simples observação da reação desses países ao discurso do Federal Reserve (Fed, o banco central americano) de retirada dos estímulos à economia. “Fica claro que a geração de liquidez pelos Estados Unidos era o maior suporte para as ações e moedas dos emergentes”, completa.

O fim do chamado “super-ciclo” de commodities também pesa contra os emergentes na opinião de McCaughan. Além disso, no caso de Brasil, diz, as eleições presidenciais de 2014 são alvo de preocupação no curto prazo.

McCaughan enxerga uma mudança de percepção sobre Brasil, de um país “que não poderia dar errado” para um que inspira realismo crescente e preocupação. “Eu diria que os investidores globais querem ser positivos sobre Brasil e esperam uma resolução dessas questões, mas como um investidor você tem que ser cético e observar cuidadosamente”, diz. Já para um olhar de longo prazo sobre emergentes, McCaughan pesa o impacto positivo do crescimento da classe média sobre a economia desses países, inclusive Brasil. Desse ponto de vista, considera, o período de volatilidade pode trazer oportunidades de compra de ativos.

A volatilidade dos emergentes, o superendividamento europeu e uma percepção de risco muito elevada sobre Japão levam o presidente da Principal Global Invest-

tors a preferir ativos dos EUA. Para ele, os fundamentos da economia americana são bons e 2014 será mais um ano forte para o mercado acionário. “Com a habilidade limitada que instituições e indivíduos brasileiros têm para investir internacionalmente, eu realmente focaria nos EUA”, diz.

Na renda fixa, a Principal tem indicado aos investidores títulos americanos de vencimentos mais próximos. Isso porque prazos longos podem ser penalizados pela alta volatilidade e por uma provável alta nas taxas de juros. Como títulos do governo em geral têm prazos mais longos, McCaughan sugere que os investidores olhem para os títulos no segmento chamado de “high yield”, ou seja, de papéis com perspectiva de entregar mais ganhos em função do maior risco.

O executivo também vê potencial de ganho nos Reits (Real Estate Investment Trusts), uma espécie de fundo de investimento imobiliário nos Estados Unidos. Como tendem a acompanhar o movimento dos juros, a elevação da taxa prejudicou esses ativos

recentemente, diz, enquanto o mercado acionário ganhava valor. Algo passageiro na opinião dele. “Acredito que os REITs vão ter retornos crescentes”.

A regulamentação brasileira restringe os fundos que investem 100% dos recursos no exterior a quem pode fazer um aporte inicial de R\$ 1 milhão. No caso dos fundos de pensão, a legislação exige que o investimento seja feito a partir de um fundo local, em que a participação de cada fundação não ultrapasse 25% do patrimônio. A regra tem levado fundos de pensão a organizarem grupos para acessar ativos internacionais.

Se não se efetivar agora, o movimento dos fundos de pensão brasileiros para investir no exterior deve ocorrer nos próximos três ou quatro anos, na opinião de McCaughan. Para ele, o Brasil está hoje em situação semelhante à vivida pelos EUA na década de 80, quando a ideia de internacionalizar os investimentos era controversa. Seguindo o presidente da Principal, a discussão teve início no meio da década e a diversificação somente se efetivou por volta de 1990.

## Curtas

### BofA eleva Porto Seguro

O Bank of America Merrill Lynch (BofA) aumentou o preço-alvo para as ações da Porto Seguro de R\$ 25 para R\$ 29, mas manteve a recomendação “underperform” (abaixo da performance do mercado) após o recente rali do papel. Entre os fatores que justificam o maior preço-alvo do papel, o banco cita a tendência de melhor análise de riscos feita pela seguradora no segundo trimestre, que pode levar a aumentos de 8% e 5% nas estimativas de lucro líquido de 2013 e 2014, respectivamente. O banco aumentou ainda suas estimativas para o patamar sustentável de retorno sobre o patrimônio da seguradora para 19%. Para a Su-

lAmérica, o BofA manteve recomendação “neutra” e preço-alvo de R\$ 18. O banco acredita que o recente reajuste de preços no seguro saúde pode ajudar a companhia a obter melhores índices de sinistralidade no segundo semestre e resultados futuros. A performance da receita financeira das seguradoras ainda deve ser o principal gatilho para as ações das empresas. Na opinião do BofA, a inclinação continua da curva de juros deve ser a principal variável de impacto no retorno financeiro para Porto Seguro e SulAmérica, já que suas carteiras de investimento são bastante expostas a títulos prefixados e indexados à inflação, e ao mercado acionário. **(Thais Folego)**

**Valor análise setorial** Levantamentos setoriais completos, de uma forma que só o Valor Econômico sabe fazer.

Saiba mais, adquira: <http://setorial.valor.com.br>